

# “Pourtugal”, pátria imaginada: pós-memória e reconstrução identitária na diáspora portuguesa na obra de Michael Gouveia

Susana Pimenta\* 

## Introdução

A experiência migratória portuguesa tem sido tradicionalmente analisada a partir da perspectiva dos sujeitos que protagonizaram o deslocamento geográfico. No entanto, as gerações subseqüentes, nascidas e socializadas nos países de acolhimento, revelam uma configuração identitária distinta, marcada não pela experiência direta da migração, mas pela herança simbólica e afetiva transmitida no espaço familiar. Neste contexto, a literatura produzida por autores lusodescendentes assume um papel particularmente relevante, pois permite observar de que forma a memória cultural, a língua e os rituais domésticos participam na construção de identidades híbridas. A obra *O Herdeiro*, de Michael Gouveia (2025), inscreve-se neste quadro ao narrar, em registo autobiográfico, o percurso de um luso-canadiano de segunda geração que procura reconciliar a herança portuguesa dos pais açorianos com a realidade sociocultural do Quebec.

Partindo desta premissa, o presente trabalho analisa a forma como a narrativa constrói um “Portugal íntimo”, entendido como uma pátria imaginada que emerge da transmissão intergeracional de memórias, símbolos e afetos. A investigação situa-se no cruzamento entre os estudos da diáspora e os Estudos de Memória, mobilizando conceitos como a “pós-memória”, formulada por Marianne Hirsch (2016), as “ficções da memória”, propostas por Ansgar Nünning (2016), e a noção de “lugares de memória” desenvolvida por Pierre Nora (2016). A partir deste enquadramento teórico, procura-se compreender como a narrativa de Gouveia transforma a memória familiar em matéria “imaginativa” e literária, construindo um território simbólico onde a identidade lusodescendente pode ser explorada e reinterpretada.

O objetivo principal deste estudo consiste em analisar de que forma *O Herdeiro* representa a construção identitária de um sujeito diaspórico por meio da articulação entre memória, herança cultural e imaginário. De forma mais específica, pretende-se: (1) examinar o papel da pós-memória e da transmissão familiar na formação da identidade do protagonista; (2) identificar os principais “lugares de memória” que estruturam a presença simbólica de Portugal na narrativa; e (3) interpretar o conceito ficcional de “Pourtugal” enquanto expressão da hibridiz linguística e cultural característica da segunda geração da diáspora portuguesa.

---

\* Doutoramento em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal. Professora Auxiliar na Escola de Ciências Humanas e Sociais (ECHS) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal. Investigadora Integrada do Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT) da Universidade Lusófona (ULusófona), Lisboa, Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3376-4344>. E-mail: [spimenta@utad.pt](mailto:spimenta@utad.pt)

Para cumprir estes objetivos, o trabalho organiza-se em quatro partes principais. Num primeiro momento, apresenta-se uma síntese da obra *O Herdeiro*, destacando os principais eixos temáticos da narrativa autobiográfica. De seguida, desenvolve-se o enquadramento teórico relativo à lusodescendência, à pós-memória e aos mecanismos de transmissão cultural na diáspora portuguesa. A terceira parte dedica-se à análise dos “lugares de memória” que estruturam a identidade do protagonista, observando como o espaço doméstico, as instituições comunitárias e os contextos escolares e laborais funcionam como suportes simbólicos da *portugalidade*. Por fim, analisa-se o conceito de “Pourtougal” enquanto pátria imaginada que sintetiza a tensão entre herança e pertença, culminando numa reflexão sobre a aceitação de uma identidade diaspórica plural e dinâmica.

### ***O Herdeiro*, de Michael Gouveia**

A obra *O Herdeiro*, de Michael Gouveia<sup>1</sup> (2025), integrada na “Coleção Comunidades Portuguesas”, configura-se como uma narrativa de cariz autobiográfico que mapeia a complexa construção identitária de um lusodescendente de segunda geração em Ottawa e Montreal, no Quebec. Estruturado em quatro partes fundamentais (“No país da criança”, “No entremeio”, “A vida a sério” e “O herdeiro”), o texto explora a tensão entre a herança cultural recebida dos progenitores, oriundos da ilha de São Miguel (Açores), e o imperativo de integração na sociedade de acolhimento.

Onésimo Teotónio de Almeida assina o prefácio com o título “Nascer português no longe de outra língua”, onde refere que “Os que vivem à distância do ‘retângulo’ e das regiões insulares, ou já nasceram na diáspora, encontrarão nestas páginas a sua história em espelho, ou pelo menos muitas passagens que poderiam definitivamente sê-lo” (GOUVEIA, 2025, p. 11).

O protagonista vive num estado de intersticialidade, definindo-se como um “herdeiro indeciso” (GOUVEIA, 2025, p. 270) o qual habita um espaço de intersecção identitária. Esta crise de pertença é exacerbada por um “sentimento de impostura” (GOUVEIA, 2025, p. 101) linguística e cultural: embora o francês seja a língua do espaço público, Portugal permanece como o “nosso país íntimo” (GOUVEIA, 2025, p. 19), um repositório de símbolos e afetos. A memória da pátria de origem é mediada por rituais familiares e pela omnipresença da “Seleção” nacional de futebol (GOUVEIA, 2025, p. 56), que se afigura um catalisador de comunhão e um barómetro emocional de esperança. Um dos eixos centrais da narrativa é o peso psicológico da herança, manifestado na obrigação moral de “honrar os sacrifícios” (GOUVEIA, 2025, p. 168) dos progenitores. Esta pressão traduz-se numa procura incessante pela excelência académica como forma de compensar a precariedade laboral dos pais, culminando, no entanto, em quadros de isolamento e depressão na idade adulta.

---

<sup>1</sup> Michael Gouveia é um autor luso-canadiano, nascido em Montréal e criado em Laval, no Quebec, cidade onde ainda reside. Licenciado em Estudos Literários pela Université du Québec à Montréal (UQÀM), desenvolveu a sua carreira profissional no setor educacional, trabalhando sobretudo em funções de apoio administrativo e em serviços adaptados a estudantes com necessidades educativas especiais. A sua atividade literária iniciou-se com a publicação da coletânea de poesia *Les exercices somnambules* (2021). Em 2023, publicou o seu primeiro romance, *O Herdeiro*, originalmente escrito em língua francesa e editado no Canadá.

A obra termina com um processo de reconciliação por meio da memória e da escrita, no qual o autor assume o compromisso de “honrar o seu legado” (GOUVEIA, 2025, p. 270), ao mesmo tempo que aceita a sua condição de “vai-vém da saudade” (GOUVEIA, 2025, p. 270), sintetizando a vulnerabilidade e a resiliência da condição diaspórica.

### **(Pós-) Memória, transmissão e identidade na diáspora portuguesa**

A definição de lusodescendente não se esgota na hereditariedade biológica, mas fixa-se numa condição existencial específica. Conforme postula Ana Paula Coutinho (2003, p. 29), o lusodescendente é aquele que “não é efectivamente migrante”, distinguindo-se daqueles que protagonizaram o deslocamento geográfico, mas que preserva ligações biográficas com Portugal. Esta distinção é crucial para entender que a relação com a pátria não advém da vivência direta do território, mas de uma herança simbólica mediada pelo “nós familiar” (VATZ LAAROUSSI, 2007). Os sujeitos da diáspora habitam o que se denomina como uma espécie de terceira via identitária ou “terceiro tipo de ser” (COUTINHO, 2003, p. 33). De acordo com Santos (2014), esta condição de hibridismo coloca-os num estado de liminalidade e fronteira, onde não são plenamente o “Mesmo” nem totalmente o “Outro”. Esta dualidade é frequentemente sentida como uma tensão, em que o indivíduo é percecionado como “Francês lá em Portugal e aqui em França, Português” (SANTOS, 2014, p. 450). Este estado permite ao autor lusodescendente falar a partir de um lugar de estrangeiro íntimo, desafiando as categorias nacionais estanques. A produção literária destes autores ocorre frequentemente numa outra língua que não o português, o que constitui um paradoxo identitário. Esta escrita permite narrar o Portugal imaginado a partir do exterior do interior (COUTINHO, 2003, p. 36), utilizando a literatura para preencher as lacunas de uma língua materna que, por vezes, se perdeu. A pátria é transmutada numa “língua da infância e dos afectos” (COUTINHO, 2003, p. 41), constituindo-se como um mecanismo de resistência contra a “mutilação” decorrente da perda linguística. A memória cultural deixa de ser biográfica para se tornar um “investimento imaginativo” (HIRSCH, 2016, p. 303), onde a pátria é reconstruída através de “factos de fantasia” narrados pelas gerações precedentes (GOUVEIA, 2025, p. 57).

No âmbito dos Estudos de Memória, a literatura diaspórica pode ser compreendida não como um reflexo passivo da realidade migratória, mas como um médium da memória cultural. A construção do Portugal imaginado por lusodescendentes articula-se por meio de dois conceitos operativos fundamentais: a “ficção da memória” e o “lugar de memória”. Birgit Neumann (2016, p. 269) postula que a literatura desempenha um papel central na organização da experiência, sugerindo o conceito de ficções da memória, cunhado por Ansgar Nünning, para descrever narrativas que “não visam meramente imitar a realidade, mas sim encenar e reflectir os modos de funcionamento da memória”. Estas ficções passam por um processo estético que envolve atos de “selecção, apropriação e avaliação” (NEUMANN, 2016, p. 273).

Na lusodescendência, este mecanismo permite que o autor preencha as lacunas da herança por meio do investimento imaginativo. A literatura torna-se, assim, um laboratório onde se explora o “poder frágil da memória” (NÜNNING, 2016, p. 219), transformando o trauma ou a nostalgia em estruturas de sentido que sustentam a identidade diacrónica do sujeito.

Estas narrativas podem também ser interpretadas como “lugares de memória”. Segundo Pierre Nora (2016, p. 57), tais lugares emergem precisamente quando a memória deixa de funcionar como prática social espontânea, tornando-se necessário “notariar actos” e “criar arquivos” que assegurem a continuidade identitária. Estes espaços operam como “bastilhões que servem de apoio” a uma memória que se refugia no universo privado, estruturando-se através de uma tripla dimensão – material, funcional e simbólica – que se manifesta nos diversos cenários quotidianos da obra.

Na experiência lusodescendente, a aplicação destes conceitos é visível na forma como a casa e os rituais são representados. Quando a “memória verdadeira” se perde, os sujeitos agarram-se a suportes que garantam a continuidade identitária face à “dupla desvalorização, social e cultural” que sofrem no país de acolhimento (SANTOS, 2014, p. 433).

A casa, a gastronomia (como o bacalhau) ou a celebração do futebol tornam-se suportes de uma “memória arquivista” (NORA, 2016, p. 58). Estes elementos funcionam como “tutores de resiliência” (VATZ LAAROSSI, 2007, §32), permitindo que o indivíduo processe o seu “sentimento de impostura” por meio de objetos que transportam o “calor” e o universo simbólico dos pais (GOUVEIA, 2025, p. 101).

Dessa maneira, a literatura lusodescendente não descreve apenas Portugal; ela produz um lugar onde a memória comunicativa da família é transposta para a memória cultural (ASSMANN, 2016, p. 119), permitindo que o herdeiro habite, finalmente, o seu próprio “país íntimo” (GOUVEIA, 2025, p. 19).

Michèle Vatz Laaroussi (2007), em contexto quebequense, sublinha a primazia do “nós” familiar como catalisador de resiliência, representando muitas vezes como o único referencial de continuidade em trajetórias marcadas pela rutura migratória. Este núcleo familiar não se limita a replicar valores estáticos, mas cria um processo de “transmissão-produção”, no qual são negociados novos sistemas de signos e sentidos para responder aos desafios da sociedade de acolhimento. O espaço doméstico serve, assim, para processar um repertório de símbolos que visa manter uma continuidade simbólica face à alteridade externa.

No campo da pós-memória, a memória familiar é entendida como um ancoradouro para as individualidades em devir, baseando-se numa história subjetivada que reconstrói eventos e personagens. Na diáspora lusa, observa-se a prevalência de uma “história-origens”, particularmente entre famílias que privilegiam a linhagem e as raízes, transformando a narrativa familiar num discurso quase mítico. Esta construção de uma pátria imaginada – que Gouveia denomina de “Pourtougal” – coincide com o que Santos (2014) define como a redefinição das autoidentificações ao longo do ciclo de vida, onde a confrontação com o país de origem molda a percepção de pertença. A construção identitária da segunda geração é frequentemente marcada pela “invisibilidade e a dupla desvalorização, social e cultural” da imigração portuguesa nos países de acolhimento (SANTOS, 2014, p. 433). Esta condição gera uma tensão permanente entre a lealdade ao “projeto migratório familiar” e a necessidade de integração, culminando muitas vezes num sentimento de impostura. Como observam Santos (2014) e Levéziel (2017), o olhar discriminatório dos residentes locais pode levar o lusodescendente a sentir-se “estrangeiro” em ambos os países. Esta “confrontação identitária” é o motor do sofrimento psicológico que Michael Gouveia explora ao descrever a sua “postura de impostor” perante a língua e a cultura herdadas.

No quadro da cultura lusodescendente, outros “lugares de memória” e objetos asseguram a manutenção dos laços com a origem, que se afiguram como “tuteurs de résilience” (VATZ LAAROUSSI, 2007, §32), e que incluem, por exemplo, “diplomas dos pais”, “fotografias da casa no país de origem” e rituais gastronómicos e que transportam um “universo simbólico” fundamental para a reconstrução identitária (VATZ LAAROUSSI, 2007, §37). A “festa de aldeia”, frequentemente ressignificada como “festa do emigrante”, surge como o espaço privilegiado de “reintegração coletiva” onde a comunidade dividida se reconstitui temporariamente (SANTOS, 2014, p. 443). Para o “herdeiro”, estes elementos são as âncoras que permitem navegar em um campo social transnacional sem perder o sentido de continuidade.

Em síntese, esta dinâmica de preservação da memória, mediada pelo que Aleida Assmann (2016, p. 119) define como a “estabilização do passado” através de símbolos externos, permite que a experiência migratória deixe de ser um fluxo biográfico efémero para se tornar um património cultural estável. Ao transpor estes “tuteurs de résilience” (VATZ LAAROUSSI, 2007, §32) do plano das práticas sociológicas para o domínio da representação narrativa, o autor/escritor lusodescendente opera uma “mimesis da memória”. É nesta articulação entre os suportes materiais e o “investimento imaginativo” (HIRSCH, 2016, p. 303) que o espaço da casa se eleva à categoria de “lugar de memória” (NORA, 2016, p. 57), configurando o território afetivo que se analisa de seguida.

### **Lugares de memória e construção identitária n'*O Herdeiro***

A análise debruça-se sobre a configuração de Portugal enquanto um “país íntimo”, uma construção identitária que, na narrativa de Michael Gouveia, não emerge da vivência direta, mas de um complexo processo de pós-memória ancorado no espaço doméstico e nos seus rituais. Partindo da premissa de que a identidade do luso-canadiano de segunda geração é moldada por um repertório de símbolos transmitidos pelos progenitores, explora-se como o autor reconstrói uma pátria imaginada – o “Pourtugal” – onde a nostalgia incide sobre um território nunca antes visitado. A análise privilegia a dialética entre a ausência geográfica e a presença simbólica, observando como o herdeiro gere uma herança feita de recordações de segunda mão e de afetos, ou de “factos de fantasia” e de “versão idealizada” (GOUVEIA, 2025, p. 21, 57), que preenchem as lacunas de uma história pessoal fragmentada entre o Quebeque e a ilha de São Miguel (Açores).

A estruturação identitária do protagonista em *O Herdeiro* é mediada por uma rede de lugares de memória que, seguindo a formulação de Pierre Nora, servem como recetáculos onde a portugalidade se cristaliza face à distância geográfica e temporal. Na infância do narrador, este Portugal “estava por todo o lado”, manifestando-se numa dimensão material e sensorial através da gastronomia – o bacalhau, os pastéis de nata e as bifanas – e de ícones culturais que convocavam as raízes portuguesas, como a voz de Amália Rodrigues ou as façanhas futebolísticas de Luís Figo. Estes objetos e rituais, frequentemente desfraldados em espaços de sociabilidade como a padaria da rua Gounod ou a Igreja de Santa Cruz, não constituem meros adornos folclóricos; são “pontos de referência” vitais num percurso de integração, permitindo à primeira geração de imigrantes açorianos remediar a saudade e validar o seu “gesto de esperança” no território de acolhimento.

Contudo, a narrativa expande esta geografia memorial para além dos tropos canónicos da diáspora, fixando a memória em espaços de precariedade e em arquivos de hibridez linguística que Nora classificaria como funcionais e simbólicos. Os locais de trabalho – o hotel onde o pai se esgota como lava-pratos e o Centre d'hébergement et de soins de longue durée (CHSLD) St-Jude onde a mãe enfrenta a fadiga do cuidado – emergem como lugares de memória do sacrifício, onde a sobrevivência económica se sobrepõe à manutenção das tradições.

A padaria portuguesa na rua Gounod é o refúgio onde a primeira geração suspende o esforço da aculturação. Diferente dos espaços públicos quebequenses, onde a necessidade de integração impunha à mãe do protagonista a tarefa de “articular lentamente as palavras para se fazer compreender” (GOUVEIA, 2025, p. 17), a padaria era o território onde ela suspendia o esforço da aculturação para habitar plenamente a sua cultura de origem. Este estabelecimento é descrito como um “lugar caloroso onde ela podia deixar à porta qualquer embaraço e abrir asas” (GOUVEIA, 2025, p. 17), valendo como um santuário onde a personagem podia finalmente “falar livremente, de coração ligeiro” (GOUVEIA, 2025, p. 17), sem o receio de exibir um sotaque que, em outros contextos, seria alvo de estigmatização.

Neste espaço, a mãe recupera a sua agência e uma “leveza de todos os seus gestos” (GOUVEIA, 2025, p. 18) que o quotidiano laborioso do exílio frequentemente lhe roubava, despindo-se do papel de imigrante subalternizada para assumir o centro de uma rede social. As conversas que ali se desenrolavam, abrangendo desde notícias da família até à partilha de “receitas de cozinha” e “conselhos de vida”, representavam o “momento mais precioso da semana” (GOUVEIA, 2025, p. 18), permitindo-lhe compensar a solidão e “remediar a saudade da terra natal” (GOUVEIA, 2025, p. 18). Para o herdeiro, observar a mãe na padaria era testemunhar a sua transformação numa mulher “feliz” (GOUVEIA, 2025, p. 17) e reconhecida, em que o ato de comprar produtos como “papos-secos e chouriços” (GOUVEIA, 2025, p. 18) transcendia a mera transação comercial para se tornar um gesto de pertença e de reativação do seu “apetite para os dias a vir” (GOUVEIA, 2025, p. 18).

No âmbito da análise dos lugares de memória (NORA, 2016) em *O Herdeiro* (2025), a Igreja de Santa Cruz e as paróquias locais em Laval configuram-se como redutos de memória institucional e ritualística, onde a dimensão sagrada se funde com a preservação rigorosa de uma herança moral. Para os progenitores, a ida semanal à missa não é meramente um ato de fé, mas o cumprimento de um dever ético e a reiteração de uma pertença cultural feita “por respeito pelos costumes” (GOUVEIA, 2025, p. 47). É nestes espaços que a mãe se permite “maravilhar com a música da banda”, com as “luzes da igreja” e com o “aroma das mal-assadas”, encontrando nas festas portuguesas e nas “grinaldas coloridas” um fragmento sensorial do Portugal que os pais tentam replicar no Quebeque (GOUVEIA, 2025, p. 49). Para a primeira geração, a igreja funciona como um arquivo emocional que oferece consolo e valida o seu percurso de vida face às dificuldades do exílio (GOUVEIA, 2025, p. 50).

Em contraste, para o herdeiro, a igreja surge como um espaço de “tédio” ornamentado, marcado pela rigidez de uma fatiota que simboliza a pressão das expectativas intergeracionais (GOUVEIA, 2025, p. 48). O ritual de “ornamentar-se com os melhores adereços” para se visitar a “casa de Deus” – que incluía a “camisa branca com lacinho” e os “sapatos pretos de cabedal de imitação” frequentemente desconfortáveis – torna-se uma *performance* identitária penosa que o afasta da espiritualidade em favor

da aparência social (GOUVEIA, 2025, p. 47, 49). Enquanto a mãe procurava na liturgia uma “verdade essencial” (GOUVEIA, 2025, p. 47), o jovem protagonista vivenciava a missa como uma “experiência tão decepcionante”, onde o sagrado era mediado pela necessidade de se manter “ajuizado” e de “agradar aos meus pais”, funcionando o espaço religioso mais como um palco de disciplina social do que como um lugar de revelação (GOUVEIA, 2025, p. 23, 48).

Os espaços laborais na obra *O Herdeiro* apresentam-se como “não-lugares” de transição, onde a identidade da primeira geração é reduzida ao sacrifício e ao labor invisível. O hotel, onde o pai se consumia como “lava-pratos” (GOUVEIA, 2025, p. 18), e o CHSLD St-Jude, uma unidade de cuidados continuados onde a mãe enfrentava um trabalho “difícil, esgotante” (GOUVEIA, 2025, p. 29), representam arquivos de um esforço biográfico que a narrativa classifica como “trabalho sujo” (GOUVEIA, 2025, p. 202). Nestes locais, a existência é marcada pela “fadiga acumulada sob o peso esmagador dos anos” (GOUVEIA, 2025, p. 116) e pela consciência do “roubo de tempo” (GOUVEIA, 2025, p. 199), expressão que sintetiza a exploração laboral na diáspora. Para os progenitores, estes espaços são o preço a pagar pelo “gesto de esperança” da imigração, constituindo lugares de memória de uma renúncia que o herdeiro se sente obrigado a validar por meio do seu próprio sucesso (GOUVEIA, 2025, p. 21, 121).

Por outro lado, o hipermercado Walmart emerge como o lugar de memória da integração forçada da segunda geração, onde a promessa de ascensão social pelo mérito colide com a realidade da “estagnação quotidiana” (GOUVEIA, 2025, p. 116). Para o protagonista, este hipermercado é um ambiente de “pés doridos” e de um “salário mínimo que nunca melhora” (GOUVEIA, 2025, p. 196), onde ele se percebe como um “underdog” (GOUVEIA, 2025, p. 232) perante a “indiferença do mundo exterior” (GOUVEIA, 2025, p. 237). O Walmart parece um cenário de uma paralisia existencial, onde o herdeiro, apesar do seu diploma universitário, se vê confrontado com a continuidade da vulnerabilidade económica dos pais (GOUVEIA, 2025, p. 196, 270). Este espaço de trabalho não oferece pertença, mas sim a confirmação de um “sentimento de impostura” (GOUVEIA, 2025, p. 101), tornando-se um arquivo da desilusão onde a “vontade de existir” é constantemente testada pelo ritmo asfíxiante do consumo (GOUVEIA, 2025, p. 158, 194).

No seguimento da análise exegética do romance *O Herdeiro* (2025), a escola, e especificamente o estabelecimento Mont-de-La Salle, configura-se como o lugar de memória da “mutação” identitária, onde a esfera íntima do “Portugal familiar” colide violentamente com a alteridade quebequense. É neste espaço de fronteira que o nome “João”, pilar fundamental da identidade, sofre o que o narrador descreve como um “massacre auditivo” (GOUVEIA, 2025, p. 36), resultando na aniquilação fonética da sua herança lusófona. Koven (2007, p. 77) argumenta que parte da identidade está intrinsecamente ligada a uma “imagem auditiva de si mesmo”. Quando o nome João perde a sua pronúncia original, ocorre uma rutura nessa imagem, fazendo com que o sujeito deixe de se reconhecer na voz do “Outro”. Ao ver o seu nome despojado da nasalidade do “til” e transformado numa “corrente de ar desagradável” (GOUVEIA, 2025, p. 36) que os pares não sabem ou não querem articular, o protagonista experimenta um profundo sentimento de humilhação que o empurra para um “voto de silêncio” (GOUVEIA, 2025, p. 35). Este fenómeno de exclusão e de rutura identitária através da onomástica é ilustrado no primeiro contacto com o sistema escolar quebequense:

«João» é um primeiro nome muito popular em Portugal, mas, aqui no Quebeque, o til sobre o «a» tende a ser ignorado, embora faça toda a diferença a nível fonético. Na sua ausência, os francófonos pronunciam lentamente o meu nome, separando cada vogal: Jo-a-o. Mas isso não respeita de todo a inflexão nasal da pronúncia portuguesa, em que as três vogais são adversárias ciumentas que se acotovelam um instante para voltarem ao silêncio: Joan! (GOUVEIA, 2025, p. 35)

A escola deixa de ser um lugar de crescimento para se tornar um cenário de conflito, onde a hesitação linguística e a necessidade de “aprender a reconhecer-me nas aproximações” alheias alimentam um persistente “sentimento de impostura” (GOUVEIA, 2025, p. 36, 101).

Para contrariar esta desolação e a paralisia social, o protagonista refugia-se numa meritocracia estrita, transformando o sucesso escolar no seu principal mecanismo de defesa e luta pelo reconhecimento. Decidido a “deixar as minhas notas falarem por mim” (GOUVEIA, 2025, p. 41), o herdeiro investe na excelência académica como uma forma de obter a validação do mundo exterior sem a necessidade de socializar, convertendo o seu “repertório de símbolos” privados em resultados tangíveis. Este desempenho escolar funciona como uma “prótese identitária”: as “medalhas de mérito” (GOUVEIA, 2025, p. 42) e o “boletim de notas” substituem a personalidade do jovem, servindo para “validar-se no mundo exterior” e, ao mesmo tempo, honrar vicariamente os sacrifícios laborais dos seus pais. Contudo, esta dependência do desempenho revela-se frágil, pois o protagonista continua a sentir-se uma “nulidade” fora do quadro protegido das notas, onde então a sua identidade permanece um “enigma” por resolver (GOUVEIA, 2025, p. 42, 175). Neste contexto, o sucesso escolar surge menos como um instrumento de mobilidade social do que como uma estratégia compensatória destinada a reconciliar o herdeiro com o projeto migratório familiar, ainda que essa tentativa produza um efeito paradoxal: quanto mais o protagonista procura legitimar a sua pertença por meio do mérito, mais se intensifica o seu persistente “sentimento de impostura”.

### **“Pourtugal” – pátria imaginada**

O “Pourtugal” configura-se como um lugar de memória puramente simbólico e intersticial, representando o país que habita exclusivamente o imaginário do herdeiro. Esta construção não é geográfica, mas sim uma pátria afetiva e segura, definida como o “nosso país mais íntimo, o espaço onde difundir o amor, o repertório de símbolos através dos quais os meus pais me transmitiam os seus valores” (GOUVEIA, 2025, p. 19). Trata-se de um território mental onde a identidade não precisa de ser justificada nem traduzida para a alteridade quebequense, funcionando como um santuário contra as pressões da integração.

A análise deste espaço revela uma construção híbrida em que o português açoriano e o francês quebequense se fundem para criar uma zona de inacessibilidade ao mundo exterior. Esta língua particular servia como um escudo psicológico, pois o narrador “falava uma língua inventada, uma língua que só existia para mim. E tinha agora medo de ser apanhado pela realidade” (GOUVEIA, 2025, p. 64). O “Pourtugal” permitia ao protagonista “guardar o meu país íntimo na esfera do imaginário, ao abrigo de toda a realidade dececionante” (GOUVEIA, 2025, p. 120).

No entanto, o desenlace da narrativa expõe a natureza efêmera desta pátria imaginária, que acaba por se revelar uma “ilha solitária” reservada à nostalgia. Ao confrontar-se com a vida adulta, o herdeiro reconhece a impossibilidade de manter este território mental intacto perante as exigências da realidade. No final, este lugar de memória transmuta-se numa “identidade [que] contém menos certezas do que potencialidades”, onde o herdeiro aceita a sua condição de órfão do mar e da saudade (GOUVEIA, 2025, p. 142).

Na infância do autor, Portugal não se define por uma fronteira política, mas por uma saturação sensorial e afetiva no seio da diáspora. A pátria é reconstruída por mediação dos pais, tornando-se uma extensão do rosto materno e dos rituais domésticos:

Quando eu era pequeno, Portugal estava por todo o lado à minha volta. Convidava-se para a mesa com os pastéis de nata, o bacalhau, as bifanas. Ressoava na sala pela voz da Amália Rodrigues na rádio, e aparecia depois na televisão com as façanhas do Luís Figo. [...] Portugal ficava-lhe bem. Portugal era ver a minha mãe feliz. (GOUVEIA, 2025, p. 17)

Nesta passagem, observa-se que a identidade portuguesa é apresentada como um “repertório de símbolos” que funciona como um antídoto contra a solidão do imigrante (GOUVEIA, 2025, p. 19). A pátria imaginada é, portanto, um país íntimo, um território de segurança emocional onde os valores e o “calor” da cultura de origem são preservados contra a aculturação externa.

A reconstrução de Portugal em *O Herdeiro* é também uma construção narrativa. O autor admite que as suas recordações são, inicialmente, uma “versão idealizada do passado” que omite as dificuldades e a pobreza que forçaram a emigração (GOUVEIA, 2025, p. 21). Esta idealização é alimentada pelas histórias do pai, que transmitem uma glória nacional mediada pelo futebol:

O meu pai falava do Campeonato do Mundo de 66 como se ele tivesse assistido, retomando por conta própria as recordações do pai dele, que morrera antes de eu nascer. Em nossa casa, a paixão pelo futebol compreendia uma prova de amor transmitido de geração em geração. [...] Por vezes, eu achava que ele inventava um pouco, que vestia os factos de fantasia. (GOUVEIA, 2025, p. 56-57)

Os “factos de fantasia” (GOUVEIA, 2025, p. 57) demonstram como a identidade diaspórica se nutre de narrativas hiperbolizadas para preencher o vazio da ausência geográfica. Portugal torna-se um palco de façanhas heroicas e celebrações épicas que permitem ao herdeiro sentir-se parte de uma história maior, mesmo sem nunca ter pisado o solo português.

O conceito de “Pourtugal” surge, então, como representação da intersticialidade identitária do autor, da hibridez linguística e ontológica, ou seja, uma pátria que existe apenas no intervalo entre o francês do Quebec e o português da intimidade:

Portugal – o Pourtugal – ia continuar a escapar-me para sempre. Experimentava uma espécie de nostalgia do país que nunca visitara. E pressentia que a vida, dia após dia, ia

persistir em separar-me desse país sobre o qual eu tinha construído a minha infância. O meu país não é um país, é uma ilha solitária. Uma ilha reservada ao turismo da saudade. (GOUVEIA, 2025, p. 142)

Esta “ilha solitária” (GOUVEIA, 2025, p. 142) define a condição do “herdeiro indeciso”. A nostalgia não se refere a uma perda real de território, mas à perda da pureza de uma identidade que nunca foi total: o autor sente-se um “órfão do mar que navega de uma identidade para outra”, habitando um espaço de incertezas, mas também de potencialidades (GOUVEIA, 2025, p. 142).

O desfecho da narrativa reforça que a reconstrução desta pátria imaginada culmina na aceitação de uma identidade fragmentada. Portugal deixa de ser um mito de infância para se tornar, finalmente, um projeto de reconciliação, “um vai-vém da saudade”, tal como expresso no trecho seguinte:

Não sei bem o que isso significa, mas preparo-me para ver o mar pela primeira vez. Vou passar duas semanas em São Miguel, com os meus pais e restante família, e depois uma semana em Lisboa, a solo. Faço tudo para planejar adequadamente esta primeira verdadeira viagem, embora sabendo que vai ser preciso voltar. No fundo, vou concretizar o trajeto mental que exploro desde que nasci [...]. Sou um vai-vém da saudade. (GOUVEIA, 2025, p. 270)

## Considerações finais

A análise de *O Herdeiro* de Michael Gouveia evidencia que a experiência da segunda geração da diáspora portuguesa não pode ser compreendida apenas através da categoria da migração, mas antes como um processo complexo de herança simbólica, negociação identitária e reconstrução memorial. Ao longo da narrativa, o protagonista habita um espaço intersticial entre a cultura familiar portuguesa e a sociedade quebequense, revelando a condição paradoxal do lusodescendente que, não tendo vivido o deslocamento geográfico, herda os seus efeitos emocionais, linguísticos e sociais.

A obra expõe que a identidade diaspórica é estruturada por um conjunto de lugares de memória, no sentido conceptualizado por Pierre Nora, que funcionam como suportes de continuidade simbólica face à distância geográfica. Espaços como a padaria portuguesa, a igreja comunitária, a casa familiar ou mesmo os locais de trabalho dos pais transformam-se em arquivos afetivos onde a “portugalidade” é preservada, reinterpretada e transmitida à segunda geração. Estes lugares não representam apenas a memória do passado, mas também a tentativa de estabilizar uma identidade ameaçada pela assimilação cultural e pela invisibilidade social da imigração portuguesa.

Paralelamente, a narrativa confirma a relevância do conceito de pós-memória, desenvolvido por Marianne Hirsch, na compreensão da experiência lusodescendente. A relação do protagonista com Portugal não deriva de uma memória vivida, mas de um investimento imaginativo alimentado pelas histórias familiares, pelos rituais domésticos e por um repertório simbólico transmitido intergeracionalmente. Portugal surge, assim, como um território narrativo e emocional que existe sobretudo no plano da imaginação; um “país íntimo” que funciona simultaneamente como refúgio afetivo e como fonte de tensão identitária.

Neste contexto, o conceito ficcional de “Pourtougal” sintetiza a condição híbrida do sujeito diaspórico. Mais do que uma simples deformação linguística, esta palavra designa um espaço identitário intermédio onde se fundem o português da herança familiar e o francês do quotidiano quebequense. O resultado é uma pátria imaginada e intersticial que nunca coincide plenamente com o território português real, mas que também não se dissolve totalmente na cultura de acolhimento. Esta ambivalência confirma a ideia de que o lusodescendente habita uma “terceira via” identitária, situada entre pertença e deslocamento.

Outro aspeto não menos importante é o peso moral do projeto migratório familiar, o qual se manifesta na obrigação de honrar os sacrifícios da primeira geração através do sucesso académico e profissional. No entanto, esta ética do mérito revela-se também ambivalente: se por um lado funciona como mecanismo de mobilidade social, por outro produz um profundo sentimento de impostura e de inadequação. Desta tensão entre o mérito e a impostura, emerge a aceitação de uma pertença plural, que permite ao herdeiro propor uma reconciliação através de uma identidade fragmentada, mas produtiva. A metáfora final do “vai-vém da saudade” sintetiza esta condição dinâmica, na qual Portugal deixa de ser um mito de infância para se tornar um percurso interior contínuo entre memória, imaginação e experiência. Por fim, para o lusodescendente, habitar o “país íntimo” da memória não significa regressar a uma origem estável, mas aprender a viver criativamente no intervalo entre culturas, línguas e histórias.

## Referências

- ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e cultural. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 117-128.
- COUTINHO, Ana Paula. Ficções de luso-descendentes e identidades híbridas. *Cadernos de Literatura Comparada*, Porto, n. 8/9, p. 27-49, 2003. Disponível em: <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/607>. Acesso em: 7 mar. 2026.
- GOUVEIA, Michael. *Les exercices somnambules*. Ottawa: Éditions L'Interligne, 2021.
- GOUVEIA, Michael. *O herdeiro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2025.
- HIRSCH, Marianne. A geração da pós-memória. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 299-326.
- KOVEN, Michèle. *Selves in two languages: bilinguals' verbal enactments of identity in French and Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- LEVEZIEL, Frédéric. De l'invisibilité des Portugais de France dans *La Cage dorée*. *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Anderson, v. 6, n. esp., 2017. Disponível em: <https://journals.library.brocku.ca/index.php/ijpds/article/view/3262>. Acesso em: 7 mar. 2026.
- NEUMANN, Birgit. A representação literária da memória. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa

Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 267-280.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 57-76.

NÜNNING, Ansgar. A “verdade da memória” e o “frágil poder da memória”: a literatura como meio de explorar ficções e enquadramentos da memória. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org.). *Estudos de memória: teoria e análise cultural*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016. p. 219-244.

SANTOS, Irene dos. Confrontação com o país de origem e redefinição das identificações: descendentes de migrantes portugueses no contexto intraeuropeu (França-Portugal). *Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Anderson, v. 3, n. 2, p. 433-460, 2014.

VATZ LAAROUSSI, Michèle. Les relations intergénérationnelles, vecteurs de transmission et de résilience au sein des familles immigrantes et réfugiées au Québec. *Enfances Familles Générations*, Québec, n. 6, 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/efg/7852>. Acesso em: 12 mar. 2026.

Recebido em 13 de março de 2026.

Aprovado em 7 de abril de 2026.

## Resumo/Abstract

**“Pourtugal”, pátria imaginada: pós-memória e reconstrução identitária na diáspora portuguesa na obra de Michael Gouveia**

**Susana Pimenta**

O presente estudo analisa a construção identitária de um sujeito lusodescendente em *O Herdeiro* (2025), de Michael Gouveia, explorando como a memória familiar, os rituais culturais e os espaços do quotidiano moldam uma pátria imaginada na diáspora portuguesa. Inserido nos cruzamentos entre estudos da diáspora e Estudos de Memória, o trabalho recorre aos conceitos de “pós-memória” (HIRSCH), “ficções da memória” (NÜNNING) e “lugares de memória” (NORA) para compreender a transmissão intergeracional da herança cultural. A análise evidencia que a identidade do protagonista se estrutura em torno de lugares como a casa familiar, a padaria portuguesa, a igreja, a escola e os espaços laborais, que funcionam como suportes simbólicos da portugalidade. Simultaneamente, revela-se o peso moral de honrar os sacrifícios da primeira geração, frequentemente associado a sentimentos de impostura. O conceito ficcional de “Pourtugal” simboliza a pátria intersticial construída entre memória, imaginação e hibridiz linguística, demonstrando que a identidade lusodescendente resulta de uma negociação contínua entre herança cultural e experiência contemporânea.

**Palavras-chave:** diáspora portuguesa, lusodescendência, identidade, pós-memória, lugares de memória.

## **“Pourtugal”, an imagined homeland: post-memory and the reconstruction of identity among the Portuguese diaspora in the work of Michael Gouveia**

**Susana Pimenta**

This study examines the construction of a Luso-descendant identity in *O Herdeiro* (2025) by Michael Gouveia, exploring how family memory, cultural rituals, and everyday spaces shape an imagined homeland within the Portuguese diaspora. Situated at the intersection of diaspora studies and Memory Studies, the analysis draws on the concepts of “post-memory” (HIRSCH), “memory fictions” (NÜNNING), and “sites of memory” (NORA) to understand the intergenerational transmission of cultural heritage. The study shows that the protagonist’s identity is structured around places such as the family home, the Portuguese bakery, the church, the school, and workplaces, which serve as symbolic supports of Portugueseness. It also highlights the moral pressure to honour the first generation’s sacrifices, often generating feelings of imposture. The fictional notion of “Pourtugal” symbolises an interstitial homeland constructed through memory, imagination, and linguistic hybridity, demonstrating that Luso-descendant identity emerges from an ongoing negotiation between heritage and contemporary experience.

**Keywords:** Portuguese diaspora, Luso-descendence, identity, post-memory, sites of memory.